

Origens da casa brasileira*

Luís Saia

A arquitetura brasileira nos primeiros séculos da colônia é sobretudo rural. Logo que os portugueses vieram para o Brasil “tiveram toda sua fazenda” “metida em bens de raiz” que não podiam levar “para o reino, e quando algum para lá vai os deixa na própria terra, e desses deveis conhecer muitos em Portugal, e assim não lhes é possível deixarem cá tanta fazenda a comprarem lá outra, contentando-se mais de a terem no Brasil pelo grande rendimento que colham dela” (Diálogo das Grandezas - p. 131 e 132); e essa “fazenda” era o latifúndio.

“Com efeito, ainda no alvorecer do quarto século, o sentimento da vida rural está perfeitamente fixado na psicologia da sociedade brasileira” segundo Oliveira Vianna “Em São Paulo é visível o aspecto rural mesmo na capital (Oliveira Vianna - Populações Meridionais).

A vila ou cidade do litoral “tinha a aparência feia de feitoria d’África” (Pedro Calmon - Espírito da Sociedade Colonial). Oliveira Lima diz que em 1820 o Rio de Janeiro era uma aldeia desoladora. Esses aglomerados humanos continham abarracamentos que serviam de depósito de “escravidão africana, casinholas humildes, de rara peça de alvenaria, que a terra não dava pedra necessária e se construía com adobe - espécie de tijolo - necessitando trazer da Europa a pedra precisa para a construção dos elementos de defesa, a torre e a casa fortificada, quando nestas mesmas não se aproveitava o sistema de fortificação indígena. Enfim, uma incipiência e nulidade a cidade brasileira dos primeiros séculos.

No entanto, por todo o litoral atlântico desdobrou-se, numa largura considerável de penetração uma faixa de latifúndio onde “arejada e orgulhosa”, “grande e bela” a casa grande mostrava a sua varanda para o lado da senzala - primeiro espécime brasileiro de

casa coletiva - onde viviam a lascívia, a desnudez, a imundícia, e a desgraçada miséria do escravo.

Na arquitetura rural, talhada segundo a fisionomia da vida social, onde se entrosam e interpenetram os traços, experiência e cultura dos portugueses, negros e índios, a colaboração dessas três espécies de gente aparece nos seus vários aspectos. Na localização da casa grande e da senzala, na estrutura das paredes, de troncos finos de madeira tratados em forma finos de madeira tratados em forma de grades e cujos espaços livres eram preenchidos com barro ou argila encontrada. Esta técnica, encontramos-la espalhada por todo o Brasil, nas casas grandes, nas senzalas, nas vilas, e até hoje é usada, quais que exclusivamente, na construção da casa do caboclo. A técnica da parede de taipa - antepassada do moderno concreto, onde o esqueleto de madeira foi substituído pelo ferro e o elemento plástico ganhou em resistência e durabilidade com a aplicação do cimento - teve muita voga em todo Brasil, e, até hoje, no interior, encontramos construtores especializados nesse gênero de trabalho que reflete segundo Mariano Filho: “a sabedoria natural do silvícola”.

Mais no norte do que no centro e no sul evidencia o índio a sua capacidade de aproveitamento das condições técnicas do material encontrado no meio ambiente, na construção das choças dos seringueiros e dos mocambos (Mariano Filho).

A experiência portuguesa se manifesta mais no sul ou litoral, quando aparecem as aglomerações semi urbanas com as suas necessidades de fortificações mais resistentes, alguns colégios e igrejas, torres, etc.; com o uso da pedra tratada de uma maneira muito semelhante a que Juan Kronfus estuda na Argentina colonial: “a pedra bola” (que tiravam do rio) postas umas sobre as outras, desordenadamente

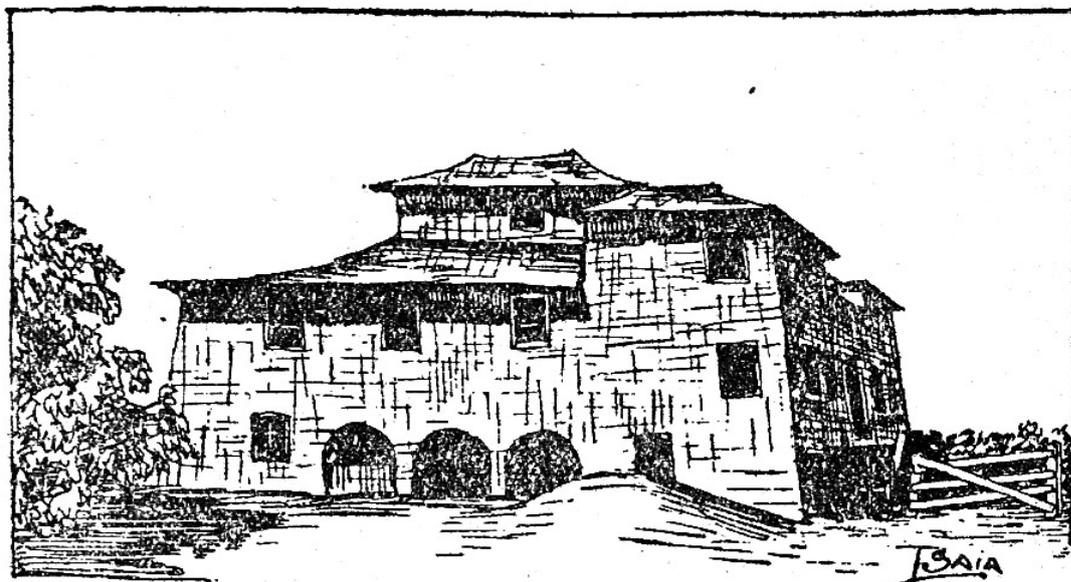


Figura 1: Casa grande do Engenho de Megaípe. Fonte: "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre.

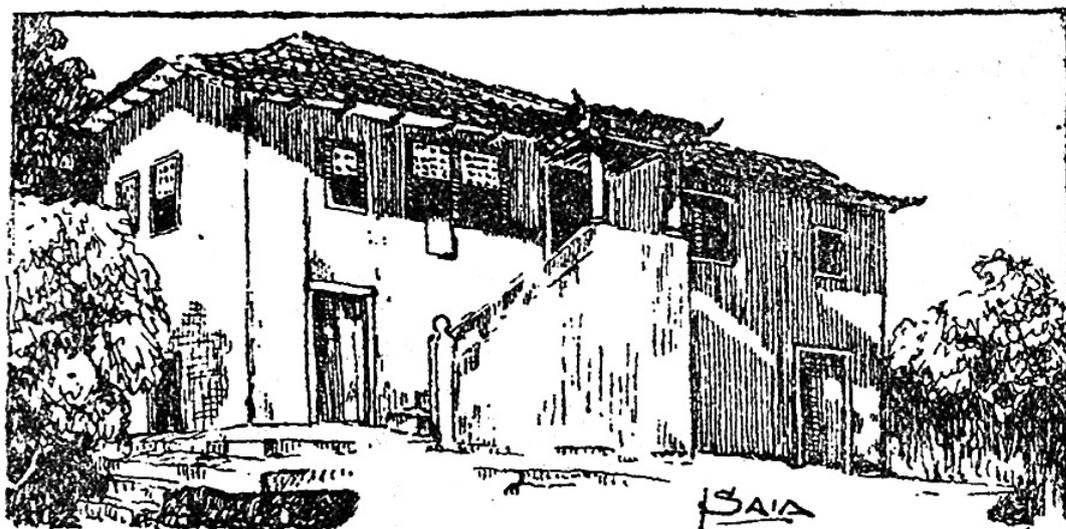


Figura 2: Casa grande. Fonte: "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre.

e unindo-as com uma mistura de cal e areia até formar um conjunto resistente.

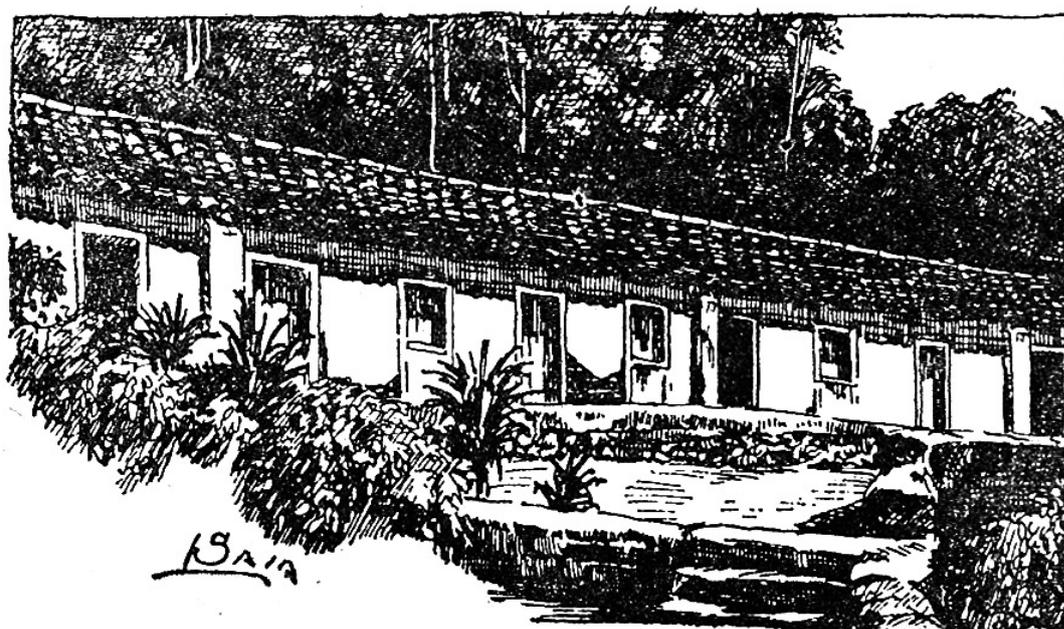
Nada encontrando o colonizador de feito, em matéria de levantamento mesmo da casa que veio a precisar, pois que arquitetura indígena resumia-se em choças quase provisórias, por conta da falta de fixação da sua vida e da facilidade de manejo do material de construção, aproveitou-se da sua experiência no reino dentro, naturalmente, do quadro dos seus conhecimentos; resolvendo a casa brasileira, na parte da sua estrutura plástica externa segundo o que conhecia da casa portuguesa, e principalmente por um instinto muito agudo de adaptação as condições mesológicas, no tratamento das peças e na orientação da planta, (se observa muito por exemplo, que a varanda é sempre voltada para a parte da ampla vista onde dela mesma o senhor dominava a vida da sua colônia); e o que na lembrança trazia providencialmente, para combater os rigores do clima, da sua estada nas zonas quentes, introduzindo na nova habitação (a casa grande) porque a senzala e a choça eram resolvidas segundo um critério muito igual ao que hoje usam os donos do dinheiro para as casas coletivas de concreto; os elementos da arquitetura oriental "largos beirais para cobrir de sombra o espelho das paredes", "alpendres, copiares, loggias, pórticos" "balcões, janelas e miradores rendados em adufa, à moda do Islã. (Mariano Filho).

Figura 3: Senzala. Fonte: "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre.

Isso, na casa grande, porque saindo da habitação senhorial vamos encontrar o coletivismo do negro condicionando a forma da senzala. A habitação coletiva é uma maneira "característica" da população escrava. Essa mesma correspondência encontramos na escravidão imposta pela ditadura comunista na Rússia Soviética, e pelo Capitalismo nas grandes cidades.

Na senzala o negro era escravo pela condição mesma da sua vinda para a colônia. Na Rússia o proletário é escravo por via política e nas cidades dominadas pelo judaísmo a população é escrava por regra econômica e mental.

Mais tarde, quando o negro foi penetrando a vida do senhor, se libertando, se mestiçando, também foi, paralelamente, espaçando a sua habitação, construindo a sua choça. A casa do trabalhador rural brasileiro retrata essa marcha tortuosa da escravidão da senzala para a liberdade relativa do caboclo que tem a sua cabana, a sua criação, o seu cavalo e a sua família. Há um sentido de descentralização da senzala para a casa do caboclo espalhada no mato, cuja exegese se evidencia, à medida que se avança até a situação atual. O sentimento de defesa, mercê da ausência de qualquer gênero de cooperação ou sociedade de caráter protetor, antigamente se resolvia no senhor. Hoje, não há dúvida, a questão apresenta um aspecto mais complexo.



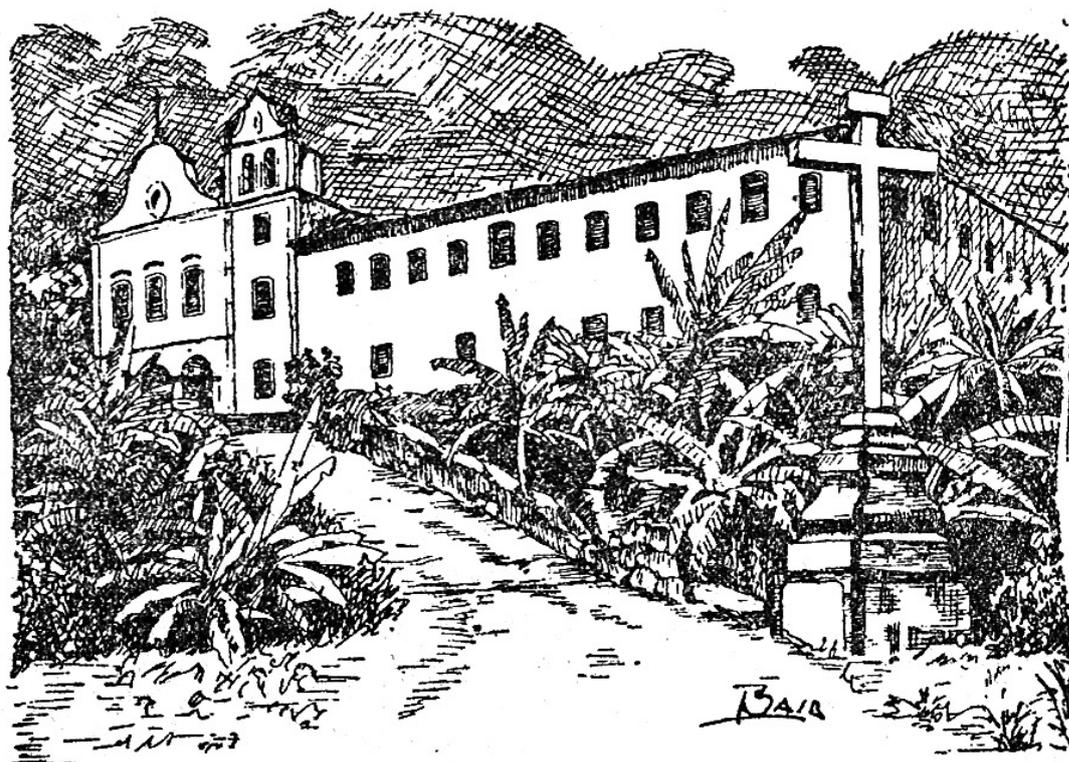


Figura 4: Colégio. Fonte: "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre.

O outro homem da formação do Brasil foi o padre. Enquanto o senhor se dissociava economicamente do índio e aderiu ao negro, o jesuíta ficou mesmo com o índio. Amansou-o, aglomerou-o em torno do colégio, defendendo-o da vontade de escravizar do senhor.

Entre o trabalho do senhor e do padre na formação do mais primeiro Brasil, um na casa grande e outro no colégio, um na economia, outro na cultura e política, os dois sintonizados para a captação das forças fundamentais da nação, existe um paralelismo, uma correspondência em planos diferentes que se completam.

Ao engenho de Megaípe, no norte, de paredes grossas, disposição com sentido de defesa retratado, corresponde, muito menos geográfica que socialmente o colégio de São Paulo, no planalto de Piratininga. A fisionomia desta, pelo menos no começo da vida da colônia é marcadamente rural. O colégio foi "a primeira tentativa de exploração metódica dos recursos naturais" (Pedro Calmon). Aliás, segundo João Lúcio de Azevedo, citado por Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala, eles já vinham de Portugal com alguma experiência no assunto.

O jeito do senhor não dava para o tratamento dos índios, mas os jesuítas conseguiram, com a cruz e a língua geral 'aldeiá-los' em torno dos colégios.

Este se levanta sempre num alto. O colégio de Itanhaém está localizado no cimo de uma rocha de difícil ascensão, o de São Paulo, no alto da colina, dominava as baixadas vizinhas.

O deslocamento da população de Santo André para a Vila de Piratininga, foi causado, em grande parte, como observam Tannay e Caio Prado Júnior (São Paulo no Século XVI, O Fator Geográfico na formação da cidade de São Paulo - Geografia nº 3) pela localização e facilidades desta última.

Na sua construção, refletindo o que acontecera no norte, e o que ia acontecer também, no interior do Brasil, foi empregada a mesma técnica. A rede de galhos retos cheia de elementos plásticos natural. Nas suas linhas se revelam a sobriedade dos conhecimentos de arquitetura clássica e do material empregado. Paredes lisas, interrompidas, apenas pelos vazios das janelas numerosas, largos beirais, salas espaçosas.

Em lugar das senzalas - casa coletiva resultante do estado social do negro - a população se espalha em choças espaçosas.

Não é raro encontrar-se também colégios nos quais o material de construção é a pedra canjicada. O convento e a capela de Itanhaém ilustram esse fenômeno.

O adobe simples era também usado com frequência. Ainda hoje, quem viaja a zona norte da Província de São Paulo, pode constatar muitas construções, algumas ainda fortes e resistentes, outras em ruínas, ostentando paredes grossas, as vezes de mais de 1 metro de argila natural.

Essa fisionomia rural da habitação brasileira atravessa toda a colônia. Ao longo desses longos séculos, de um lado, a casa grande e a senzala, de outro, o colégio e a aldeia, fixam o ritmo de clã da sociedade daquele tempo.

Quando o colono ganha o planalto o fenômeno se repete com precisão matemática. Quem percorre a história de todas as cidades brasileiras do interior encontra, no seu nascedouro, a marca do senhor que manda construir a capela em torno da qual se forma a aldeia.

Na grande extensão territorial, com uma tenuidade demográfica considerável havia uma extrema mobilidade nas populações mamelucas e mestiças.

Porque "a penetração dos sertões", "a expansão pastoril dos planaltos", "a conquista das minas" "tudo isso ocorre, diz Oliveira Vianna, poderosamente para deslocar e dispensar a população". Além dessas causas, ou melhor, colaborando com elas, percutindo-as, havia a busca de uma situação melhor. "Emigrar, é então, ao mesmo tempo, uma fuga à miséria e um meio de classificação. (Oliveira Vianna). Nas bandeiras colonizadoras os domínios se deslocavam. O chefe, mulheres, filhos, parentela, criadagem, agregados, escravos, entrava tudo mato a dentro. Não houve, como se vê, uma fixação necessária para a vida do centro urbano e, conseqüentemente, elaboração de uma arquitetura urbana.

Sob o ponto de vista estético, estudados os característicos da vida colonial brasileira, não há,

portanto, que estranhar não haver o brasileiro laborado um estilo apurado e erudito como parecem querer os que se justificam na cópia berrante de todos os estilos, os mais inadaptáveis ao ambiente nacional.

Enquanto o interior fixa os traços largos da habitação rural brasileira o mar engendra a cidade, que no começo da colônia era incipiente e nula e que, à medida que o brasileiro penetrava o sertão e explorava a indústria extrativa e a lavoura, foi crescendo de importância, como entreposto comercial e como centro político. No século 4º no litoral brasileiro existiam algumas cidades, como Recife, a do Salvador e o Rio de Janeiro, na sua quase totalidade construídos pelo obreiro que vinha da metrópole e que apresentavam "un assez grand nombre d'établissements utiles" segundo Debret. Nessas cidades o que se observava eram as condições de defesa postas em predominância, as condições de economia e de política. "As primeiras cidades do Brasil começam pelos morros e só tarde descem à planície e nunca se formam à borda do mar e, mesmo nos rios, só nos lugares onde não chegam navios de longo curso" (João Ribeiro). Era o medo do pirata que fazia isso, está claro. O urbanismo é puramente de instinto. No que foi possível copiaram os seus construtores a experiência europeia.

Mas mesmo ali ficou a marca do negro e do índio, na técnica da construção, na pequena habitação, no morro. Ali aparece o modelo urbano da casa do caboclo na sua construção, disposição, cobertura, planta, etc. Casa baixa, de largo beiral, com janelas baixas e abertas, revelando toda a intimidade doméstica que punha "frissons" na vida sensual dos negros e mulatos.

Mas, de todo o incipiente panorama do Brasil se destacam algumas cidades de Minas, como um parêntesis pela originalidade das suas soluções e pelo tratamento que dão aos seus problemas - como que uma síntese das situações litorâneas e do interior. Esse fato encontra a sua explicação nas circunstâncias especiais geradas pela atração exercida pelas minas descobertas.

Se a arquitetura urbana do Brasil teve um freio nas condições especialíssimas das cidades do litoral, onde o barroco se amordaçava na monotonia das repetições medíocres, na incapacidade de criar, na

severidade franciscana dos colégios, na sobriedade imposta em grande parte pelo material usado, na mesmice da solução copiada; também teve o seu momento de relativa liberdade e de lirismo nas cidades de Minas colonial.

Ouro Preto, Mariana, São João del Rey, Sabará, Congonhas do Campo, na vida do Brasil colonial tem um acento tão inédito de brasilidade que não se encontra igual em nenhum outro centro urbano dos primeiros séculos de vida colonial.

E, do ponto de vista da tradição urbana brasileira, é o período colonial que nos interessa, pois foi nele que o Brasil esteve mais longe da Europa e mais perto de si mesmo.

Naquelas cidades ficou concentrado todo o ciclo da vida colonial - uma fase interessantíssima de grandes riquezas e grandes misérias. Nelas, os traços mais genuínos da vida colonial, parece, tiveram mais relevo, se desenharam melhor, foram mais vivos. A aglomeração intensa, geradora do centro urbano, inexistente em todo o vasto interlundo sertanejo, aconteceu ali. E a escravidão. Todas as histórias dos escravos de todas as fazendas ou engenhos do Brasil apareceram ali se fixando mais nítidas, mais vivas, mais visíveis a olho nu. Muitos casos de liberdade de tantos escravos encontram o seu croqui nítido e limpo nesse do "Chico Rei". Nessa região os aspectos volitivos da vida brasileira se intumescem e ficam grandões pra gente ver bem. As festanças religiosas, as conspirações pra libertação da Pátria.

No começo essas cidades fixam também aquele sentido de defesa e monumentalidade de localização que caracteriza a cidade brasileira nascida sempre no alto da colina. Quem vê uma fotografia "à vol d'oiseau" de Ouro Preto logo constata isso. Numa dessas fotografias onde aparecem seis igrejas, todas elas estão localizadas no alto. Mas, cedo "a casa perdeu ali seu sentido de reduto tão marcado nas zonas rurais de várias províncias. Perdeu também as suas funções de grande celeiro, cedendo à especialidade de vida que se introduz nas cidades" (Santiago Dantas, Espelho).

E o casario vai descendo e subindo os morros, pelas encostas redondas. E "as casas se comprimem tanto nas ladeiras!" (Luc Durtain). Se observa uma monumentalidade muito íntima, de corredor

doméstico, de colunas no interior de palácios, nas ruas que sobem pelos morros. As soluções nessas cidades são quase sempre inéditas. As massas se distribuem tão coordenadamente no imprevisível dos volumes desiguais que resolvem o panorama total da cidade como um anteprojeto de efeitos rebuscados.

Ali também o urbanismo é instintivo, e no centro da paisagem urbana, o que mais impressiona são as soluções de arquitetura religiosa.

Se hoje o interesse de estudo de certas partes da arquitetura antiga, como por exemplo, a técnica de construção de cúpulas, parece estar relegado a um plano secundário, por diversas razões; a consciência da necessidade do elemento tradicional na casa moderna deu um valor novo ao estudo de certas cidades onde a vida nacional se mostra mais limpa de influências exóticas.

E, parece que deverá ser feito esse estudo justamente nos lugares onde houve alguma coisa genuinamente brasileira. Onde a influência estrangeira menos se faz sentir. Isto é, precisamente nas cidades das quais falamos.

Para constatar a existência de uma nova linha de equilíbrio no tratamento dos elementos idiomáticos que foram trazidos para o ambiente colonial de Minas basta considerar, exatamente, as linhas mestras de algumas igrejas construídas pelo gênio do Aleijadinho. Um 'embarrigamento' no corpo central que não se encontra em nenhuma igreja, das que poderiam ter servido de exemplo. O modo de tratar o frontão jesuítico, o arredondamento das torres que adquirem assim uma nova linha. E, no entanto, há harmonia perfeita no conjunto.

Internamente, encontramos na obra de Aleijadinho (ou dos da sua escola, porque são tantos os trabalhos que apresentam característicos do estilo dele que somos levados a acreditar na existência de uma escola sua) a mesma harmonia e originalidade.

A igreja do Aleijadinho tem um senso de disciplina muito humana e peculiar. Não há exuberância de decoração, mas sente-se um equilíbrio original, que, não digo que provoque simpatia, o que não seria verdade, porque antes o fenômeno é de adesão completa.

Na arquitetura civil o elemento principal de decoração é a janela, a sacada gradeada, o beiral, etc.

Além disso, essas construções guardam muitas histórias e muitas lendas que ligam a gente com o passado, com as figuras heroicas e lendárias daqueles que construíram a Nação.

E, uma solução do problema da casa brasileira, de acordo com o moderno conceito de arquitetura, parece que deverá conter também essa quarta “dimensão”: o elemento tradicional.